



# O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha

*Dinamização da Cultura e resgate do Património*

Regis Barbosa | Canto Redondo

*Santa Clara-a-Velha emerge como um polo organizador do território, vocacionado para a dinamização cultural do concelho de Coimbra. Com a inauguração deste, ironicamente, novo equipamento, foi possível criar uma prática de valorização patrimonial, onde há um permanente diálogo com o público.*

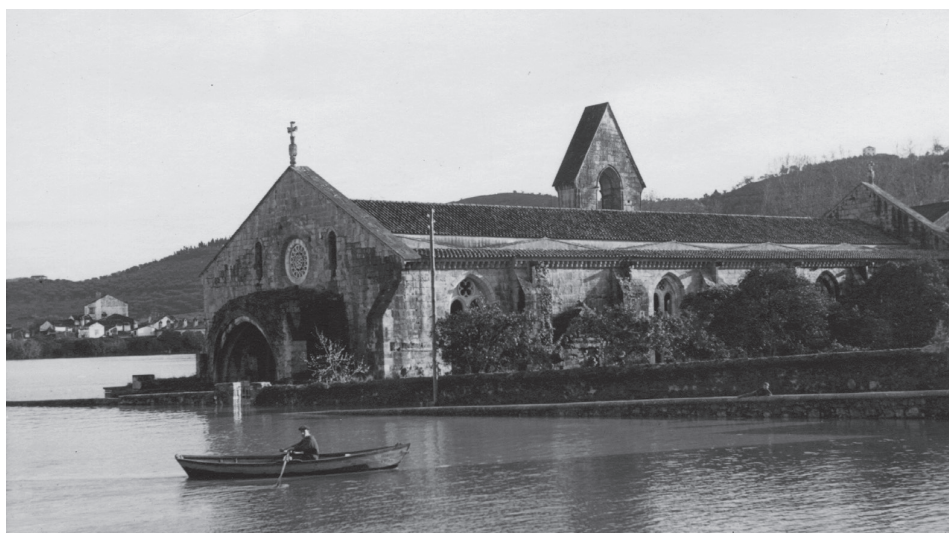
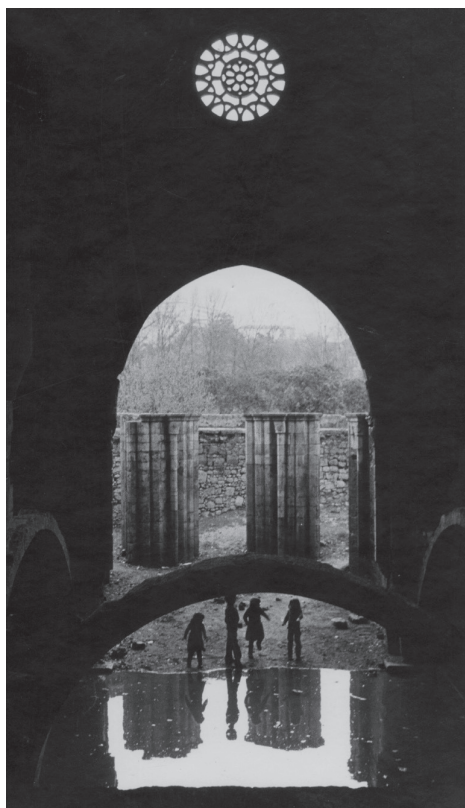
**N**os dias de hoje é amplamente aceite pela sociedade a importância da conservação do ambiente. Não é possível vivermos com qualidade, ou mesmo sobrevivermos, sem contar com recursos inestimáveis como as florestas, o ar, e claro, a água. Mas, nem sempre a natureza é a mãe provedora da humanidade, por vezes o mundo natural impõe barreiras a mulheres e homens. Restamos tentar domesticá-la. O Mosteiro de Santa Clara-a-Velha é um exemplo precioso desta luta. Ali durante séculos as irmãs clarissas pelejaram contra a água. Aparentemente em vão, no ano de 1677 retiraram-se para outra morada.



## A FUNDAÇÃO DO MOSTEIRO

*A história do mosteiro de Santa Clara-a-Velha leva-nos ao ano de 1286 quando Dona Mor Dias, abastada nobre recolhida no Mosteiro de São João das Donas, decidiu fundar uma casa de irmãs seguidoras de Santa Clara. Entretanto, os religiosos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que tutelavam o mosteiro feminino de São João das Donas, opuseram-se a esta criação, já que perderiam parte da fortuna de Dona Mor. Assim, conseguiram extinguir o novo mosteiro em 1311.*

*Não obstante, a rainha Isabel de Aragão interessou-se pelo projeto, e conseguiu em 1314 a licença da Santa Sé. Com o apoio da rainha, o mosteiro progrediu rapidamente, em 1316 iniciaram-se as obras e no ano seguinte vieram as primeiras freiras, oriundas de Zamora. A devoção da rainha era tamanha que escolheu Santa Clara como sua derradeira morada.*



Ainda bem antes disto, são conhecidas obras e adaptações que visavam minimizar a constante subida das águas do Mondego. No século XVI, elevou-se o nível dos pisos, tanto na igreja como no claustro. Na nave central do coro houve um alteamento de sete degraus, o que demonstra a voracidade das cheias. Nos inícios do século seguinte, o problema não só persistia como se agravava, foi necessário criar um novo piso a meia altura, para que fosse possível realizar as celebrações litúrgicas. Em suma, as freiras passaram a utilizar o piso térreo original apenas como área para enterrar os mortos. Apesar das intervenções efetuadas, e da resistência das clarissas,

ainda na década de 40 do século XVII o rei D. João IV determinou a mudança da ordem para o Monte da Esperança, o que se verificou alguns anos depois, quando os restos mortais da Rainha Santa, D. Isabel de Aragão, foram trasladados.

A partir deste ponto de viragem, emerge um cenário de decadência e degradação do outrora magnânimo monumento. Antes da saída das irmãs, cantarias, azulejos e outros materiais do mosteiro foram reaproveitados para a nova morada das clarissas ou vendidos para outras construções. Com o derradeiro abandono, Santa Clara-a-Velha ganha uma nova

funcionalidade, é arrendada a particulares que o transformaram em exploração agrícola. Na segunda metade do século XIX este uso permanecia, já que é conhecida a adaptação de partes do monumento como currais.

Mas esta mesma segunda metade do século XIX atesta um lento resgate do passado. Em 1872 o arqueólogo Filipe Simões efetuou uma “exploração arqueológica” na parcela alagada do mosteiro. Apesar do abandono havia memória e reconhecimento do valor do edificado, entretanto somente em 1910 Santa Clara-a-Velha se tornaria Monumento Nacional.



Lentamente, alguns avanços foram ganhando vida, em 1925 o edifício foi arrendado pelo Estado, três anos depois a DGEMN inicia o restauro da igreja, por fim nos inícios dos anos 50 surge a primeira tentativa de bombear a água. Somente em 1976 o Estado adquire o mosteiro, e em 1989 surge o projeto que, de certo modo, possibilita que a situação se altere por completo. A ideia original era manter a água no nível que se encontrava, como um verdadeiro lago no interior da igreja. Entretanto, foi determinada a realização de um acompanhamento arqueológico, que implicava a recolha de objetos e o seu registo. No decorrer dos trabalhos foram sendo detetados elementos arquitetónicos do claustro.

A metodologia inicialmente usada, a escavação em ambiente aquático com a utilização de mergulho autónomo e do *air-lift*, uma espécie de aspirador, careceu de bons resultados. Não só havia descontextualização de informação como era frequente a destruição de vestígios, além disto o *air-lift* não raro entupia. Assim, adotou-se um novo método, através de um sistema de bombas a água era retirada, deixando a superfície do claustro e da igreja o mais seca possível. A partir daí foram revelados vestígios arquitetónicos de suma importância, além de artefactos e ecofactos arqueológicos que proporcionavam um conhecimento importante sobre as clarissas que habitaram o mosteiro.

Em 1998 o então Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR) decidiu manter as estruturas a seco. A solução encontrada foi a construção de uma espécie de barreira, que impossibilitava a passagem da água para a área que seria reabilitada. A escavação arqueológica continuou, tendo sido revelados conjuntos muito importantes de cerâmica, azulejaria, enterramentos humanos, moedas e restos alimentares tanto de origem animal como vegetal. Conforme podemos facilmente depreender foi necessária uma equipe pluridisciplinar para resgatar, catalogar e estudar todos estes vestígios.

Além disto, foi prevista a construção de um edifício que congregaria não só os vestígios encontrados como também o espaço expositivo. Aqui procurou-se um diálogo entre o antigo e o contemporâneo. Aliás, a intervenção foi para além do próprio mosteiro, já que a sua envolvente foi também trabalhada. Santa Clara-a-Velha emerge como um polo organizador do território, vocacionado para a dinamização cultural do concelho de Coimbra.

Com a inauguração deste, ironicamente, novo equipamento, foi possível criar uma prática de valorização patrimonial, onde há um permanente diálogo com o público. Longe de cingir-se a apenas um museu sobre as clarissas, o Mosteiro de Santa Clara-a-Velha proporciona a interação com diferentes for-

mas de expressão artística como a música, o cinema, o teatro e as artes plásticas.

Igualmente, os serviços educativos procuram potencializar os dados revelados pela arqueologia e pela história através de atividades que recriam dinâmicas a partir do património, são exemplo o projeto “Horta monástica. Entre a prática antiga e a agricultura biológica” e o projeto “As Clarissinhas de Coimbra”, que revive a doçaria conventual.

Todo este trabalho foi amplamente recompensado através de um grande número de visitantes, à volta de 120 mil pessoas nos dois primeiros anos de atividade, e com o reconhecimento internacional consubstanciados através de prémios como o Europa Nostra 2010, no âmbito da conservação, e a nomeação para melhor museu europeu no *European Museum Forum*. O abandono e o esquecimento são águas passadas. ■

### BIBLIOGRAFIA

Côrte-Real, A., Gambini, L. I., Trindade, S. D. (2009), *Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. O convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*. Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro, 2.ª Edição.

Côrte-Real, A. (2012), “Mosteiro de Santa Clara-a-Velha – Da luz dos archotes aos momentos da contemporaneidade – projeto e fruição” in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, Lisboa: CHAM – FCSH / Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores.

